

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Carvalho, José Eduardo dos Santos Soares, 1939-

Os buracos negros da ciência económica

<http://hdl.handle.net/11067/5228>

Metadados

Data de Publicação	2010
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCEE] LEE, n. 10 (2010)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T11:22:41Z com informação proveniente do Repositório

RECENSÃO

“Os buracos negros da ciência económica”
- Ensaio sobre a impossibilidade de pensar o tempo e o dinheiro

Jacques Sapir, Sururu - Produções Culturais, Lisboa, 2009
Tradução: Manuel Resende e Luis Filipe Sabino

José Eduardo Carvalho
Professor Catedrático da Universidade Lusíada

SAPIR, Jacques (2009), *Os buracos negros da ciência económica - Ensaio sobre a impossibilidade de pensar o tempo e o dinheiro*, Lisboa, Sururu - Produções Culturais

Este livro, foi publicado originalmente há cerca de dez anos, mas ganha nesta edição novos motivos de interesse com a crise económica em curso, revelando uma acuidade nas suas análises à situação económica actual. Constitui, portanto, um instrumento de análise objectiva dos fenómenos económicos contemporâneos.

Para Sapir a crise recente teve vários efeitos na ciência económica. Por um lado, o campo dominante falhou completamente. O consenso monetarista e a hipótese dos mercados eficientes ficaram desacreditados. No entanto, ao mesmo tempo, ficámos com um efeito tribal na ciência económica, isto é, as principais tribos da ciência económica estão apenas a falar para dentro da sua própria tribo.

Não há diálogo e temos um problema muito grave que é a falta de pluralismo na ciência económica. Na sua tese, isto significa que a ciência económica, no seu campo dominante, vai tornar-se mais irrelevante para a definição da política económica, tendo com consequência que esta se torne cada vez mais pragmática. Os Governos vão ter de resolver os problemas das pessoas sem uma base teórica adequada, o que é negativo, porque o pragmatismo sem uma base teórica rapidamente cede ao oportunismo.

Jacques Sapir é Director do Centro de Estudos sobre os Modos de Industrialização (CEMI) da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Considerado um dos mais importantes economistas da corrente "institucionalista", os seus trabalhos têm incidido sobretudo na economia soviética e também sobre as novas perspectivas da teoria económica enquanto ciência social.

O trabalho deste autor, agora reeditado, é um autêntico requisitório contra as teorias económicas neoclássicas que inspiram as políticas económicas liberais. Na tese de Sapir, a teoria económica dominante nos últimos trinta anos construiu um modelo onde o tempo e o dinheiro são banidos: um quadro de pensamento "nem científico, nem pertinente", guiado unicamente por uma fé cega na concorrência, na flexibilidade e na propriedade privada.

O livro está organizado em 6 capítulos. Começa por colocar a interrogação: Pode a ciência económica ainda pensar a economia? Sapir cita o pensamento de Maurice Allais, segundo o qual a história da segunda metade do século XX foi apenas a sucessão de teorias dogmáticas proferidas com firmeza por economistas

apoiados em puros sofismas ou em modelos matemáticos irrealistas. Assim, para o autor, quem tiver estudado um pouco a história das ciências sabe que o fascínio pelo formalismo - e as matemáticas são por natureza um formalismo - é um sinal indubitável de deslizamento da ciência para o cientismo. Acrescenta que o fascínio exercido pelas matemáticas é mais prova de fraqueza do que de força metodológica. E, se a economia não é senão retórica, então só conta o poder da convicção.

Nos capítulos seguintes, Sapir discorre criticamente sobre a teoria do equilíbrio geral (TEG). Para o autor, o modelo dominante da economia de mercado, utilizado explicitamente nos trabalhos teóricos e implicitamente, como referência normativa, nos estudos empíricos de uma vasta maioria dos economistas contemporâneos, está em crise. Na perspectiva do autor, revela-se incapaz de explicar como e porquê acções iniciadas separadamente por indivíduos ou actores separados podem conduzir a um resultado global mais ou menos satisfatório.

A TEG, na qual este modelo se baseia, não consegue proporcionar uma compreensão do mundo real; pode até tornar-se um abstráculo quando há economistas que pretendem transpor raciocínios abstractos para o mundo real, sem se preocuparem com o realismo das hipóteses. A função de densidade de uma sociedade traduz a probabilidade de um número crescente dos seus membros poder ser afectado por um efeito não-intensional de outro membro.

Para Sapir, as premissas e a lógica do utilitarismo, que inspira a TEG, e através dela a economia padrão, remetem para uma ficção social. Uma característica comum e geral dos pensamentos religiosos, os quais julgam as sociedades existentes com base numa sociedade ideal. O pensamento económico dominante, o que serve de referência aos governos e aos economistas que se propagam nos principais meios de comunicação, mais não é do que uma teologia. A acção humana está no cerne da economia; ela é tanto criação quanto reacção e a criação implica a incerteza.

A obra termina procurando construir uma alternativa à abordagem do pensamento económico dominante, suportada numa opção estratégica que recusa a identificação entre a coerência e equilíbrio. Uma estratégia que visa a análise teórica dos obstáculos à emergência de soluções e à análise de como e porquê nas economias concretas surgem coerências limitadas e temporárias. Atribui à crise de coordenação o estatuto de factor primário numa economia descentralizada, para poder ponderar como as economias reais conseguem, mais ou menos, superá-la.

Esta estratégia é, claramente, a do institucionalismo tradicional, nalgumas das variantes da escola de tradição austríaca. Apesar de tudo, considera que a teoria do equilíbrio, no sentido mais lato, poderá permanecer como abordagem científica em economia, mas na condição de se utilizar o equilíbrio apenas como um conceito crítico e não como uma norma ou uma noção prescrita.

Para além da tese central do autor, o livro proporciona o acesso a uma

síntese das grandes teorias económicas, tais como de Walras, Keynes, Hayek, Lange. É um livro que se destina a um público mais vasto do que os economistas. Os especialistas da história da ciência económica encontram também nesta obra motivos de interesse na rica e comentada bibliografia.